

EMERGÊNCIA E NATUREZA DA METÁFORA PRIMÁRIA
DESEJAR É TER FOME

PAULA LENZ COSTA LIMA
(Universidade Estadual do Ceará)
RAYMOND W. GIBBS JR.
(University of California, Santa Cruz)
EDSON FRANÇOZO
(LAFAPE/IEL/UNICAMP)

In this paper, the role of human bodily experience in the generation of metaphors in language and thought is investigated through empiric linguistic and psycholinguistic studies on the DESIRE IS HUNGER metaphor. Based on Grady's hypothesis (1997), which suggests a direct link between the recurrence of universal particular bodily experiences and the generation of primitive conceptual metaphors, we investigated how American English and Brazilian Portuguese speakers metaphorically conceptualize desire in terms of hunger. Our results were congruent with Grady's hypothesis, showing that what people know about their embodied experiences of hunger allows them both to predict which aspects of desire will, and will not, be thought of, and talked about, in terms of their embodied understandings of hunger, and to understand metaphorical expressions about human desires, such as politicians hunger for power or these children hunger for affection. Moreover, we analyzed the DESIRE IS HUNGER metaphor productivity, which was shown to be very high and was also shown to be employed in different discourse genres and in many areas of human knowledge, in both languages.

A metáfora, assim como outros empregos da linguagem figurada, tem sido estudada em vários domínios da investigação humana ao longo dos anos. A retórica e a filosofia, por exemplo, discutem o uso da metáfora há centenas de anos. Entretanto, enquanto os estudos clássicos definem a linguagem figurada tão somente como um ornamento do discurso, um embelezamento utilizado com fins literários ou retóricos, os estudos modernos têm mostrado que o uso da metáfora e outros tropos não é exclusivo de um único domínio discursivo, mas parte da linguagem como um todo, tendo, portanto, grande importância para os estudos sobre a cognição humana (Lakoff & Johnson 1980; Kittay 1987; Sacks 1992; Ortony 1993; Gibbs 1994a).

Assim, ao mesmo tempo em que o poeta fala de seus desejos secretos em termos da fome física, como no poema de Carlos Drummond de Andrade:

- (1) Largas dentaduras,
vosso riso largo
me consolará
não sei quantas **fomes**
ferozes, secretas
no fundo de mim.

(*Dentaduras Duplas*)

o cidadão comum, o político, o jornalista, o cientista também falam de uma fome metafórica em seus discursos, comuns ou especializados, para expressar o desejo por alguma coisa:

- (2) Estou com **fome de bola**. Comigo, o Paulista não será o mesmo. (Frase de Paulo Nunes, atacante do Corinthians recém-contratado, Folha de São Paulo, 23/01/2001, Esporte: Frases, p. D3)
- (3) É compreensível que políticos tenham **fome de poder**. O que não é admissível nem justo é que façam o país inteiro pagar - e caro - por suas pretensões pessoais. (Mapa Esquartejado, Editoriais, Folha de S. Paulo, 19/01/2001)
- (4) As histórias copiam-se uma das outras e abastecem a **fome de violência** que o leitor, apesar de encharcado pela violência do dia-a-dia da realidade, vai buscar na chamada “hora do lazer”. (Folha de S. Paulo, 29/11/1996)
- (5) **Fome de Lucros**: Atuação das Multinacionais de Alimentos e Remédios na América Latina. (Título do livro de Robert J. Ledogar e Bernardo Kucinski. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977)

Como explicar tal fenômeno? Como é possível que a mesma metáfora presente no poema de Carlos Drummond de Andrade seja empregada também em um livro sobre economia, como o de Ledogar & Kucinski, que, de acordo com o senso comum, pela sua natureza técnico-científica não deveria conter metáforas? Por que a linguagem como um todo é impregnada de metáforas e nós normalmente não nos apercebemos disso?

Dentre os trabalhos que pesquisam o papel cognitivo da metáfora e tentam responder perguntas como as acima, destacam-se os estudos desenvolvidos pelos lingüistas cognitivos nos últimos 20 anos. Segundo esses pesquisadores, o homem não usa freqüentemente metáforas para se comunicar apenas porque elas ornamentam o discurso ou substituem algo que não se sabe como definir em linguagem literal, mas principalmente porque o sistema conceitual humano é em grande parte estruturado de forma metafórica (Lakoff & Johnson 1980, 1999; Gibbs 1994a). As metáforas presentes na língua são uma manifestação da maneira como entendemos e conceitualizamos determinados conceitos. Trata-se de uma operação cognitiva, na qual empregamos um domínio experiencial mais concreto, estreitamente ligado à experiência com nosso próprio corpo e o mundo em que vivemos, para compreender/conceitualizar um domínio mais abstrato, cuja natureza da experiência humana não permite uma representação direta. São, portanto, nossas experiências corpóreas, de diferentes dimensões, que, sendo recorrentes e co-ocorrentes, geram as metáforas que subjazem à nossa forma de falar. Assim, por exemplo, é o fato de sempre termos fome e de concomitantemente experienciarmos também o desejo de comer que gera a metáfora conceitual DESEJAR É TER FOME, licenciando, por sua vez, expressões metafóricas como as apresentadas nos exemplos acima.

Neste trabalho, pretendemos discutir o papel das experiências corpóreas do homem na geração das metáforas no pensamento e na linguagem através de estudos empíricos de natureza lingüística e psicolingüística da metáfora DESEJAR É TER FOME.

Nossa análise se baseia nas hipóteses de Grady (1997b), acrescidas recentemente à teoria da metáfora conceitual (Lakoff & Johnson 1999), que sugerem uma ligação direta entre a recorrência de certas experiências corpóreas universais e a geração de metáforas conceituais primitivas, conceitos abstratos e linguagem.

Adotamos estratégias metodológicas específicas para identificar as possíveis conexões entre o uso da linguagem metafórica e a experiência corpórea, estudando como as pessoas conceitualizam metaforicamente o desejo em termos da fome. Fizemos isso em várias etapas. Primeiro, buscamos identificar quais eram as cenas primárias da metáfora DESEJAR É TER FOME, uma vez que a realização lingüística da metáfora deve ocorrer através da linguagem licenciada pelo mapeamento. Segundo, examinamos, inicialmente de maneira sucinta, expressões lingüísticas em duas línguas (português brasileiro e inglês americano) em busca de evidências de que o desejo é expresso em termos da fome, verificando se há restrições para o tipo de objeto desejado. Em seguida, investigamos como falantes do português e do inglês conceitualizam suas experiências corpóreas da fome separadas de seu papel nas expressões lingüísticas. As informações obtidas na etapa anterior foram usadas, então, para investigar as intuições de falantes nativos, nas duas línguas, de vários aspectos do desejo. Finalmente, para verificar a dimensão da influência das experiências corpóreas básicas na linguagem, fizemos um estudo sobre a amplitude de uso da metáfora nos diferentes gêneros discursivos, tanto em português quanto em inglês.

1. A TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Em 1980, Lakoff & Johnson, em *Metaphors we live by*, começam a contestar os pressupostos até então estabelecidos de que (a) toda a linguagem convencional é literal; (b) tudo pode ser descrito e entendido sem usar metáforas; (c) apenas a linguagem literal pode ser falsa ou verdadeira; (d) todas as definições presentes no léxico de uma língua são literais; e (e) os conceitos usados na gramática de um língua são todos literais (Lakoff 1993:204). Através de análises lingüísticas rigorosas de um grande número de expressões metafóricas, esses autores têm demonstrado, ao contrário da visão tradicional, que (a) a sede da metáfora é o pensamento e não a linguagem; (b) que ela é uma parte importante e indispensável na forma como o homem usualmente conceitualiza o mundo; e (c) que o comportamento humano cotidiano reflete a compreensão metafórica de suas experiências.

Lakoff & Johnson adotam uma visão experientialista, onde os conceitos são definidos primariamente em termos de propriedades interacionais baseadas na percepção humana - como concepções de forma, dimensão, espaço, função, movimento - e não em termos de propriedades inerentes das coisas. O sistema conceitual do homem, portanto, emerge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua, a partir das quais várias palavras e expressões idiomáticas dependem para serem compreendidas (Lakoff & Turner 1989:51).

Na teoria da metáfora conceitual, portanto, a metáfora lingüística só é possível porque existem metáforas no sistema conceitual humano. Dizer que alguém tem *fome de bola*, ou que não tem *apetite* para filmes de terror, ou mesmo que ficou *com água na boca* quando um vizinho ganhou na loteria, não é uma forma arbitrária ou conscientemente elaborada no momento da elocução, mas, ao contrário, deve-se à metáfora conceitual subjacente DESEJAR É TER FOME, que é natural, automática, e, de modo geral, inconsciente.

Nos últimos 20 anos, vários estudos, de diferentes naturezas, têm contribuído para o aperfeiçoamento da teoria da metáfora conceitual (Lakoff & Johnson 1980, 1999; Lakoff 1987; Johnson 1987; Kövecses 1986, 1990; Lakoff & Turner 1989; Sweetzer 1990; Gibbs 1994b, 1998, 1999). Entretanto, apesar de existirem evidências empíricas suficientes da lingüística e da psicologia sugerindo fortemente que as metáforas são uma parte fundamental da nossa cognição do dia-a-dia, existem contínuos debates sobre a realidade psicológica das metáforas conceituais entre os psicólogos cognitivos (Wierzbicka 1986; Murphy 1996; Gibbs 1996; Katz 1998). É em 1996 que começam a aparecer novas hipóteses sobre certos aspectos da metáfora conceitual passíveis de falseamento, que podem, segundo os autores (Grady et al. 1996; Grady 1997b), explicar os principais pontos controversos da teoria, que estão basicamente relacionados a três fatores:

(1) Pobreza de alguns mapeamentos

Nem todos os aspectos das metáforas conceituais têm realização lingüística convencional. Na metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, por exemplo, normalmente não se fala em *corredores*, *esgotos* ou *janelas das teorias*. Embora, através de uma metáfora nova tais elementos possam ser lexicalizados (e.g. *you passed through the corridors of the theory, but didn't enter any room; this aspect of the theory can be played by the sewer; for a theory of categorization, it is very full of windows*), a teoria não tem um mecanismo rigoroso e consistente para explicar esse tipo de lacuna e a possibilidade de seu eventual preenchimento.

(2) Falta de base experiencial clara entre alguns domínios fonte e alvo

Várias das metáforas conceituais propostas e discutidas pela teoria da metáfora conceitual não sugerem correlações diretas com uma base experiencial corpórea. Um exemplo é a metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS. Não parece haver uma correlação experiencial relevante entre edifícios e teorias como acontece com, por exemplo, a metáfora MAIS É PARA CIMA, em que a experiência mostra claramente que à medida que mais objetos são acrescentados a uma pilha ou mais líquido a uma jarra, o nível dessa pilha ou desse líquido sobe. É essa experiência de ocorrência freqüente que, segundo Grady e colaboradores (1996), gera uma metáfora correlacionando MAIS e PARA CIMA. Em TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, não estão claras quais são as bases experienciais que geram essa metáfora, restringindo-a de tal forma que elementos em evidência, como as janelas do edifício, não sejam mapeados. Em outras palavras, não há uma compreensão clara e consistente sobre o que é considerado como base experiencial, nem do que poderia ser a tipologia dessas bases experienciais (ibid:179).

(3) Falta de consistência entre mapeamentos relacionados

Às vezes é difícil determinar se as chamadas metáforas múltiplas são versões da mesma metáfora em níveis hierárquicos diferentes, ou se são metáforas não relacionadas, que compartilham grande parte de sua estrutura e conteúdo. A explicação da base experiencial de algumas expressões metafóricas exige a análise de grandes complexos metafóricos. Por exemplo, *sobrecarregados*, na sentença *Os alunos estão sobrecarregados de provas*, é explicado como tendo o sentido que tem por ser um exemplo do mapeamento DIFICULDADES SÃO FARDOS, que por sua vez é um caso especial de DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS À LOCOMOÇÃO, que é um submapeamento de AÇÃO É UMA LOCOMOÇÃO AUTO-IMPELIDA, que é um dos ramos da metáfora de estrutura de evento. Segundo alguns estudiosos, esse procedimento, além de ser muito complexo e de ligar expressões de mapeamentos pouco relacionados um ao outro, como, no caso, *locomção e fardo*, encobre o *status* cognitivo e a motivação dos correspondentes mais básicos (Grady et al. 1996:179).

Um outro exemplo é o domínio AMOR, que tem sido considerado problemático por alguns autores (ver Murphy 1996), porque, entre outras coisas, alguns de seus diversos mapeamentos metafóricos apresentam aparente contradição. Por exemplo, os amantes, na metáfora O AMOR É UMA VIAGEM, são vistos como indivíduos com interesses comuns (são viajantes no mesmo veículo, cujo objetivo é chegar ao mesmo destino), enquanto, na metáfora O AMOR É UMA MERCADORIA VALIOSA, são vistos como indivíduos com interesses opostos (são negociantes, que visam a lucros individuais).

Na proposta de Grady e colaboradores, as metáforas conceituais ou são primárias ou compostas de primárias. As primárias, por definição, têm base experiencial independente e direta – i.e., são elementos de experiências sensório-motoras, emocionais e cognitivas básicas que não dependem de particularidades culturais – e suas instanciações partem de evidências lingüísticas independentes de qualquer metáfora composta. As compostas, por sua vez, são resultados de combinações entre metáforas coerentes.

Segundo Grady (1977b), a vantagem da decomposição da metáfora é que ela permite (1) explicar ou prever quais elementos de um cenário complexo são mapeados num conceito alvo e quais não o são, de uma forma específica e através de regras; (2) fazer afirmativas de mapeamentos metafóricos mais de acordo com o mapeamento em si; (3) estabelecer de forma clara e eficiente as relações entre metáforas complexas que compartilham claramente alguns elementos e diferem em outros; e (4) mudar o foco para aquelas correspondências metafóricas que nascem diretamente da experiência.

A análise proposta estabelece uma certa previsibilidade, inclusive dos dados lingüísticos. Na teoria da metáfora conceitual, as metáforas são identificadas a partir da análise das expressões lingüísticas: primeiro, observa-se alguma sistematização nas expressões lingüísticas; depois, identifica-se a metáfora conceitual subjacente a essa sistematização; e, finalmente, mais e mais expressões lingüísticas são usadas para confirmar a existência da metáfora. Ou seja, o elemento que serve para identificação da

metáfora é o mesmo usado para sua confirmação. A proposta de Grady e colaboradores quer evitar essa circularidade. Embora suas análises partam de metáforas estabelecidas pelo método circular e de especulações puramente filosóficas, segundo eles, é através da análise das cenas primárias geradas pela correlação entre os domínios fonte e alvo que uma metáfora conceitual pode ser confirmada.

Nossa análise, portanto, começou pela identificação do mapeamento metafórico, a partir dos elementos envolvidos nos conceitos de *fome* e *desejo*. Nenhum dado lingüístico foi considerado neste primeiro momento, apenas os critérios estabelecidos por aqueles autores para a identificação dos domínios fonte e alvo da metáfora primária. Em um segundo momento, foi realizada a análise das expressões lingüísticas relacionadas à metáfora para confirmação do mapeamento.

1.1. O mapeamento

Tanto a fome quanto o desejo são vontades físicas muito básicas e satisfazer cada uma delas é uma fonte de prazer, como diz Deignan (1997). Mas é preciso distingui-las, pois enquanto a fome é uma experiência física direta, o desejo é uma experiência emocional. De acordo com Lakoff & Johnson (1980), embora as experiências emocionais sejam tão básicas quanto as físicas, elas não são tão bem delineadas como o são as experiências físicas, sendo, portanto, estruturadas em termos de um domínio melhor delineado – por isso fala-se de *desejo* em termos de *fome*. Grady e colaboradores (ibid) vão mais adiante, e tentam explicar por que especificamente esses dois domínios – FOME e DESEJO – se juntam em uma metáfora.

A metáfora primária, segundo os autores, envolve uma correlação entre dimensões de experiências distintas, como *peso* e *dificuldade*, na metáfora DIFICULDADES SÃO FARDOS (e.g. *esse cargo é muito pesado; já não consigo mais levar a situação*), *quantidade* e *elevação vertical*, na metáfora MAIS É PARA CIMA (e.g. *a inflação começa novamente a subir*) e *semelhança* e *proximidade*, na metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE (e.g. *eu o conheço muito de perto*). Os conceitos fontes das metáforas primárias tendem a envolver conteúdo sensorial e os alvos, respostas ao input sensorial (e.g. *peso* é experienciado diretamente através dos sentidos, enquanto *dificuldade* é uma experiência decorrente da recorrência de eventos de levantamento de peso). Os domínios fonte e alvo estão relacionados porque têm estreita correlação em suas cenas primárias (Grady 1997b:162). Por exemplo, freqüentemente, o homem tem fome. Essa experiência – ter fome – é entendida de alguma forma e uma delas diz respeito ao desejo por comida que é experienciado sempre que tem fome. Logo, o mapeamento entre desejo e fome nasce de cenas recorrentes nas quais são experienciados a sensação física de fome e o desejo simultâneo de comida para satisfazê-la.

Como o mapeamento metafórico se dá através de correspondências de cenas primárias, o primeiro aspecto importante para a análise de uma metáfora é exatamente a identificação das cenas primárias dos domínios fonte e alvo envolvidos. De forma semelhante ao mapeamento entre esquemas de imagem (da teoria da metáfora conceitual), tais cenas ocorrem no nível superordenado. Além disso, vale ressaltar que cenas detalhadas não servem como domínio alvo (Grady 1997b:138), ou seja, na

metáfora DESEJAR É TER FOME, a propriedade da fome em si é insignificante, exceto como um elemento da cena em que ela é experienciada.

Para o estabelecimento das cenas primárias, partimos das definições dos domínios fonte e alvo. Buscamos, inicialmente, as definições de vários dicionários, em português e em inglês, observando a primeira entrada e o primeiro significado apresentado para fome e seus adjetivos¹. Todas as definições se referem à experiência física da fome, com alguma descrição de seus efeitos no corpo – *desconforto, fraqueza, dor, desejo por comida*. Não encontramos exatamente diferença entre as definições nas duas línguas, a não ser a pobreza inerente aos dicionários em português. Em seguida, contrastamos as definições dos dicionários com aquela encontrada em livros médicos, para uma definição mais específica sobre a fisiologia da fome. A definição fisiológica (Guyton 1973:811-812) não difere das definições dos dicionários, exceto quanto aos detalhes e linguagem técnica. Através das definições, pode-se observar que três coisas estão envolvidas na sensação de fome: a necessidade, o desejo e o desconforto², sendo que a necessidade do organismo de ser nutrido provoca, em sua forma mais branda, o desejo de comer e, em sua forma mais aguda, o desconforto (The Encyclopaedia Britannica 1929).

O desejo pela comida é descrito nos dicionários e na medicina, de modo geral, pelo termo *apetite*, que, segundo Guyton (1973), é frequentemente usado como sinônimo de fome, embora indique o desejo por tipos específicos de alimento. Não é de se estranhar, portanto, que todos os dicionários consultados definam fome também como desejo e que falar do desejo em termos de fome seja algo tão antigo, existindo registros anteriores ao séc. XI (Oxford). Além disso, os dicionários etimológicos e tesouros relacionam fome com *apetite/desejo*. Portanto, entre os elementos importantes a serem mapeados no domínio alvo está *apetite*. *A priori* não interessa se o termo *apetite* é aplicado num sentido amplo, como sinônimo de fome, ou se refere-se apenas ao desejo por determinados alimentos.

O desconforto presente na fome pode ser localizado ou generalizado (The Encyclopaedia Britannica 1929). A dor de estômago, provocada pelas contrações, e a dor de cabeça, comuns quando se está há algum tempo sem comer, são sintomas localizados. A fraqueza, a sonolência, a vertigem são sintomas que afetam o corpo como um todo. A tensão também é um sintoma generalizado, mas que afeta o comportamento, provocando principalmente irritação e inquietação.

Um aspecto ainda a ser considerado é a estreita relação entre sede e fome. Na Enciclopédia Britânica, a entrada para *fome* começa da seguinte forma: ***Hunger and Thirst are highly unpleasant sensations which arise when there is bodily need for food and water...*** E continua: *... Appetite may be regarded as a primary and hunger*

¹ O primeiro significado em dicionários tradicionais se refere ao significado mais primário da palavra, i.e., aquele julgado central, o primeiro registrado. Os demais significados, de modo geral, são considerados extensões do primeiro (Lima 1995:23). Alguns dicionários mais modernos, baseados em bancos de dados, como o *Collins Cobuild Dictionary*, consideram frequência de uso, entre outras coisas, abolindo o caráter histórico da maioria dos dicionários tradicionais (Collins Cobuild 1987:xix).

² Usado aqui como um termo genérico que abrange os sintomas de fraqueza, dor, irritação, inquietação etc., peculiares à fome.

and thirst as a secondary defence against the dangers of a serious reduction of the food and water supplies in the body. O fato de a Enciclopédia Britânica colocar fome e sede como elementos de uma mesma experiência não é casual. Fisiologicamente, fome é depleção de açúcar e sede é depleção de água, dois elementos básicos para manutenção da vida. A falta desses elementos provoca a fome e a sede, respectivamente. Assim como a fome pode passar com a ingestão de líquidos (inclusive água), a sede também pode passar com a ingestão de alimentos sólidos. Fenomenologicamente, fome e sede são parte da mesma experiência. Dessa forma, ambos são considerados, neste trabalho, como elementos do mesmo domínio – o domínio fome.

Desejo, por sua vez, não está associado somente à fome, embora o termo *apetite* apareça com frequência nos verbetes dos vários dicionários, principalmente relacionado ao desejo sexual. As definições encontradas poderiam ser sintetizadas em *desejo é o sentimento ou emoção que está dirigido para a aquisição ou posse de algum objeto a partir do qual espera-se prazer ou satisfação; é um querer profundo.* O objeto do desejo pode estar relacionado à fome física (e.g. desejo por comida) ou a qualquer coisa concreta (e.g. desejo por um carro ou por um anel). Mas não só; esse objeto também pode ser uma pessoa (nesse caso, é descrito como *apetite físico* ou *sensual; luxúria*), ou coisas abstratas (e.g. paz) e eventos (e.g. uma viagem).

Nenhuma das definições faz menção ao desconforto causado pelo desejo, como acontece com fome. No entanto, experiências de ansiedade, inquietação e irritação, por exemplo, são manifestações do desejo, tanto quanto experiências de dor de estômago e fraqueza são manifestações de fome.

A motivação para a conceitualização de desejo como fome parece ser direta e natural, nos termos de Grady e colaboradores, pois envolve dois atos de dimensões distintas – um físico e o outro emocional – que co-ocorrem regularmente e de forma previsível.

Fome e desejo também se enquadram nos parâmetros estabelecidos por Grady (1997b) para domínios geradores de metáforas primárias, a saber: (a) a fome é sentida diretamente pelo corpo, definida como uma sensação causada pela falta de comida – um input sensorial – portanto, com conteúdo de imagem. Entretanto, (b) está num nível esquemático que suporta várias imagens, pois não especifica nenhuma em particular, em qualquer nível de detalhamento (e.g. não está ligada a nenhum tipo de coisa especificamente, como certos tipos de comida)³. Numa perspectiva fenomenológica, (c) a fome é uma experiência simples, pois não envolve muitos detalhes nem muitas cenas, e (d) é um conceito relacional, que envolve a falta de alimento e não o alimento em si (a propriedade do alimento não está relacionada à fome em si, a não ser como parte de suas cenas). Por sua vez, o desejo é um estado emocional que (a) surge como resposta à sensação da fome, e (b) não tem conteúdo de imagem. Ambos, fome e desejo, são experiências naturais, inerentes ao homem, que não precisam ser aprendidas. São recorrentes e co-ocorrentes – sempre que se sente fome, sente-se desejo por comida.

³ Fome é uma sensação genérica, diferentemente de coceira, por exemplo, que pode dar origem a várias imagens em níveis de especificidade diferentes (e.g., coceira no braço, na perna etc.).

Veja-se, então, o mapeamento entre esses domínios na formação da metáfora DESEJAR É TER FOME.

1.2. Cenas primárias

Os elementos da fome ressaltados anteriormente, i.e., necessidade, desejo e desconforto, que estão num nível esquemático compatível com o descrito por Grady (ibid), determinam as correspondências no mapeamento das cenas primárias. Entendendo que necessidade de alimento corresponde a fome e sede, e que desejo corresponde a apetite, o mapeamento ocorre da seguinte forma:

- ter fome é desejar
- ter sede é desejar
- ter apetite por comida é ter apetite por alguma coisa ou por alguém
- o desconforto da fome é o desconforto do desejo

Além disso, são levados em consideração também os seguintes conhecimentos sobre os dois domínios:

- *Fonte*: quem tem fome, tem desejo de comer.
Alvo: quem tem desejo, deseja algo, alguém ou deseja fazer alguma coisa.
- *Fonte*: a fome causa desconforto.
Alvo: o desejo causa desconforto.
- *Fonte*: quem tem fome busca saciar a fome.
Alvo: quem tem desejo busca realizar o desejo.

O resultado da identificação das cenas primárias é a previsibilidade da linguagem licenciada pela metáfora. No caso da metáfora DESEJAR É TER FOME, portanto, é previsível que o desejo por alguma coisa ou por alguém seja expresso através de termos como *fome*, *sede*, *apetite* e/ou outros que expressem fome ou apetite (ou o desconforto pertinente à fome), tanto em uma língua quanto na outra.

2. ANÁLISE LINGÜÍSTICA I – A REALIZAÇÃO LINGÜÍSTICA DA METÁFORA

Especificamente usando palavras como *fome*, *sede*, *apetite*, *desconforto* e semelhantes, de acordo com a previsão dos mapeamentos das cenas primárias, procuramos por padrões lingüísticos sistemáticos para expressar o desejo nas duas línguas. Nossas análises revelaram que todos esses termos são usados com frequência para descrever experiências de desejo, tanto em português quanto em inglês. São expressões que vão desde a linguagem comum cotidiana para falar sobre assuntos diversos até a linguagem mais especializada, de divulgação científica e a científica propriamente dita, como veremos adiante.

Verificamos também que, nas duas línguas, o objeto do desejo pode ser alguma coisa – concreta ou abstrata – ou uma pessoa. Entre as coisas abstratas estão aquelas relacionadas aos sentimentos afetivos, como *amor*, *carinho*, etc., e entre esses sentimentos está também o *desejar* alguém.

As expressões metafóricas utilizadas nas análises feitas neste trabalho foram coletadas em várias e diferentes fontes: exemplos registrados na coletânea dos sistemas metafóricos identificados pelo grupo de Berkeley, em livros e artigos sobre metáfora (Lakoff & Johnson 1980; Lakoff 1987; Lakoff & Turner 1989; Kövecses 1990; Emanation 1995; Deignan 1997; Grady 1997a, 1997b, entre outros), em dicionários monolíngües (português e inglês) e bilíngües (português-inglês, inglês-português), em bancos de dados eletrônicos, como o Banco da Folha de São Paulo do LAFAPE⁴ e o Bank of English, acervos eletrônicos de jornais (e.g. The Seattle Times; The Village Voice; Folha de S.Paulo), revistas e jornais impressos (e.g. Newsweek, Veja), obras literárias (e.g. Emily Dickinson, Vinícius de Moraes, Florbela Espanca), textos publicitários, artigos científicos, entre outros.

Neste primeiro momento da análise lingüística, direcionamos nossa atenção para os termos do domínio da fome, conforme previstos pelo mapeamento das cenas primárias, usados para expressar desejo e para o tipo de objeto desejado, i.e., se concreto, abstrato ou relacionado a um sentimento afetivo, nas duas línguas.

2.1. Fome

Formas: *ter fome (por/de) – faminto, fominha, esfaimado, esfomeado*
hunger (for/after/to) – hungry, hungrier, hungrily

Exemplos:

- (6) Faminto de riqueza e glória (Aurélio)
- (7) Fome de amor (Folha de S. Paulo, 22/12/1997)
- (8) Há uma fome de importados (LAFAPE)
- (9) He is hungry for recognition (Heritage)⁵
- (10) Her body hungered for him (Deignan, 1997)
- (11) But I'm still hungry for my third championship medal (Bank of English)

Aparentemente não há limitação quanto à natureza do objeto desejado em nenhuma das duas línguas. Da mesma forma que encontramos exemplos com *fome*, e suas formas variantes, para expressar o desejo por coisas abstratas (exemplo 6), sentimentos afetivos (exemplo 7) e coisas concretas (exemplo 8), encontramos também com *hunger* e variantes (exemplos 9, 10 e 11, respectivamente).

A algumas formas parece ser possível acrescentar intensificadores (e.g. *ele tem muita fome pelo poder; ele morre de fome por dinheiro; he was very hungry for her*

⁴ Laboratório de Fonética Acústica e Psicolingüística Experimental, Unicamp.

⁵ Dicionários, Bancos de Dados e Tesouros aparecem aqui de forma abreviada; para a referência completa, consultar **Dicionários e Bancos de Dados Referidos**.

touch). Em inglês, além de *hunger*, está lexicalizada a forma *is starved for*⁶, que também aparece no desejo por coisas abstratas (exemplo 12), sentimentos afetivos (exemplo 13) e coisas concretas (exemplo 14).

- (12) They were starved for conversation (Bank of English)
- (13) The sex-starved Kenneth is meant to be the butt of this Irish existential joke (The Village Voice, 07/06/2000)
- (14) East Germans starved for quality consumer goods (Bank of English)

2.2. *Sede*

Forma: *ter sede (de/por) – sedento, dessedentar-se, seco, sequioso*
thirst (for/after) – thirsty, thirstiness

Exemplos:

- (15) Nossos políticos têm uma insaciável sede pelo poder (Istoé, 6/1/1999)
- (16) Uma diabólica fome e sede de Laís (Menotti del Pichia, Laís)
- (17) Burguesia sedenta de novos modelos de edifícios (Folha de S.Paulo, 25/01/1998)
- (18) She has a mind thirsty after knowledge (Oxford)
- (19) I thirst for your kisses (Kövecses, 1990)
- (20) I'm kinda thirsty for a cup of hot coffee (Bank of English)

Assim como foi observado em *fome/hunger*, as expressões utilizadas com *sede/thirst* não se limitam ao tipo de objeto desejado, aparecendo tanto coisas abstratas (exemplos 15, 18) e concretas (exemplos 17 e 20), como desejos afetivos, principalmente o desejo sexual (exemplos 16 e 19).

2.3. *Apetite*

Forma: *apetite (de, por, para) – apeteecer, apeteceível, apetitoso*
apetite (for/to) - whet (someone's) appetite

Exemplos:

- (21) O que perdeu foi o apetite das riquezas. (Nascentes)
- (22) Quer satisfazer seus apetites sensuais. (Koogan & Houaiss)
- (23) Os "ossis" eram ridicularizados graças a seu desmedido apetite por bananas e jeans. (Folha de S. Paulo, 30/12/1999)
- (24) Nora has an insatiable appetite for learning. (NTC's thesaurus)
- (25) He never lost his appetite for women. (Bank of English)
- (26) Our insatiable appetite for, mainly Japanese, imports. (Bank of English)

⁶ Expressões com *starved of* são relacionadas à falta de alguma coisa e não exatamente ao desejo (e.g. *The teachers said the schools were being starved of resources; neglected children who are starved of affection; they seem to be starved of attention from adults*).

As formas em português – *apetite* – e em inglês – *appetite* – também se aplicam para os três tipos de objetos, i.e. para coisas abstratas (exemplos 21 e 24), coisas concretas (exemplos 23 e 26) e sentimentos afetivos (exemplos 22 e 25). Na última categoria, essas palavras aparecem com frequência relacionadas ao desejo sexual, principalmente através das colocações *apetite sexual*, em português, e *sexual appetite*, em inglês.

Foram encontradas, nas duas línguas, as expressões seguintes, relativas ao aumento da secreção salivar, efeito normalmente provocado pelo apetite diante da comida ou da idéia de comida desejada, bem como o verbo relativo a *apetite* em português. De modo geral, todos expressam o desejo por coisas abstratas (exemplos 27, 30, 33, 36 e 38), coisas concretas (exemplos 29, 32, 35, 37 e 40) e sentimentos afetivos, relacionados principalmente a desejo sexual (exemplos 28, 31, 34 e 39).

2.4. Babar(-se),

Forma: *babar(-se)*
drool (over)

Exemplos:

- (27) Com críticos em todo mundo babando sobre as glórias de Hollywood. (LAFAPE)
- (28) A modelo Gisele Bündchen está fazendo o Brasil babar (Folha de S. Paulo, 07/02/2000)
- (29) Fãs de Eric Clapton costumam babar ao ver uma guitarra Fender. (LAFAPE)
- (30) They'll appreciate the poems of Betjeman or drool over the theory of relativity (Bank of English)
- (31) You go around in that bikini and Gaskell's drooling over you all the time. (Collins Cobuild)
- (32) He's drooling over a new car. (CogLing List)

2.5. Dar água na boca

Forma: *dar água na boca (deixar [alguém] de; ficar com) – encher a boca d'água, boca cheia d'água*
mouth-watering – makes the mouth waters

Exemplos:

- (33) Ganhou na loteria e deixou todo mundo com água na boca. (Aurélio)
- (34) Meu bem, você me dá água na boca. (Rita Lee, Mania de Você)
- (35) Os Uzi israelenses são de deixar qualquer ministro do exército de água na boca. (LAFAPE)
- (36) The job is a mouth-watering opportunity. (Ling Cog List)
- (37) Pentax Z-20 isn't the most mouth-watering bargain around. (Bank of English)

Não encontramos expressões com *mouth-watering*, em inglês, relacionadas a sentimentos afetivos. Nenhuma das construções apresentadas a informantes nativos

foram consideradas aceitáveis, nem eles conseguiram formar qualquer frase contendo a expressão dentro do contexto solicitado.

2.6. *Apetecer*

Forma: *apetecer*

Exemplos:

- (38) As riquezas pouco lhe apeteceram. (Aurélio)
- (39) Por teu braço teu corpo me apetece. (Fernando Pessoa)
- (40) Estudava com gosto: apetecia um diploma de doutor (Aurélio)

2.7. *Desconforto*

Existem algumas expressões, tanto em português quanto em inglês, que expressam o desejo através de termos relacionados às sensações de desconforto, dor, fraqueza ou outros sintomas. Deignan (1997), por exemplo, analisando as metáforas do desejo presentes no Bank of English, lista expressões que evidenciam a metáfora que chamou de A SENSACÃO DE DESEJO É FRAQUEZA FÍSICA, e que ela subdivide em DESEJO É DOR (exemplos 41, 44, 45, 46), DESEJO É DOENÇA (exemplos 42, 47, 48, 49) e DESEJO É LOUCURA (exemplos 43, 50, 51, 52):

- (41) A stab of pleasure, or its anticipation, pierced her. She felt weak with desire.
- (42) ... a fever of desire.
- (43) ... a disruptive love which is perfect, a blissful insanity without guilt, explanations or neat Freudian logic.

Outros exemplos, em estruturas diferentes mostram mais aspectos dessas metáforas. Tanto a metáfora da dor, quanto da doença e da loucura estão associadas com coisas concretas (exemplos 46, 49 e 52), abstratas (exemplos 41, 42, 44, 47 e 50) e sentimentos afetivos (exemplos 43, 45, 48 e 51):

- (44) I mean literally aching for basic information. (Bank of English)
- (45) I was aching to see her, to make love to her (Bank of English)
- (46) She was aching for a cigarette. (Collins Cobuild)
- (47) I'm sick for home. Are constantly home sick for, (Bank of English)
- (48) Dave is a great pal and I feel sick for him. (Bank of English)
- (49) She has a weakness for garlic. (Collins Cobuild)
- (50) Going crazy for cash (The Alton Herald. Farnham, Surrey: Farnham Castle Newspapers Ltd, 1992)
- (51) But I was crazy for Lily. (Gregory, P. Fallen skies. London: Harper Collins 1993)
- (52) The dog was mad for water. (Hornby)

Apesar de *fraqueza física*, dor e loucura também serem parte da experiência de fome, não se pode garantir que as expressões acima sobre desejo tenham suas origens na experiência da fome e não sejam descrições metonímicas dos efeitos fisiológicos da emoção pela própria emoção. Existe, no entanto, a possibilidade de que as submetáforas acima apresentadas por Deignan sejam instanciações metonímicas de DESEJAR É TER FOME, conforme discutido por Lima (1999).

Em português, também não é possível saber se a dor, a doença ou a loucura presentes em expressões sobre o desejo são parte da experiência da fome.

- (53) Senti uma pontada de desejo.
- (54) A febre de poupança fez diversas pessoas adiarem antigos sonhos de consumo. (LAFAPE)
- (55) Na verdade, tenho um fraco por tipos mais maduros, porque elas não enrolam tanto e não jogam joguinhos bobos. (Folha da Manhã, 28/09/97)
- (56) Eu tenho, é verdade, um fraco por cemitérios; mas hoje em dia os cemitérios não são mais bonitos, estão sobrecarregados. (Folha da Manhã, 12/02/95)
- (57) Betinho, louco pela vida, acabou vencendo a tuberculose. (LAFAPE)
- (58) Jusmar Júlio, 24, conta que sempre engraxava o sapato de um corretor da Bolsa que estava louco por uma garota bem mais nova. (Folha de S. Paulo, 20/08/2000)
- (59) Eu daria para o Luciano Huck porque ele é louco por helicóptero. (Folha de S. Paulo, 12/11/2000, "Frases")

Como no inglês, termos da dor, doença e/ou loucura também são usados para expressar o desejo por coisas concretas (exemplos 56 e 59), abstratas (exemplos 53, 54 e 57) e sentimentos afetivos (exemplos 55 e 58). Alguns termos parecem ser mais produtivos que outros. Por exemplo, não foram encontradas outras expressões referindo dor como desejo, mas a expressão 53 pode ser usada em associação com qualquer um desses três aspectos. A metáfora da loucura, por sua vez, é muito produtiva tanto em português quanto em inglês. As metáforas da doença e da loucura assemelham-se. Por exemplo, dizer que uma pessoa *está doente por* outra ou por alguma coisa é semelhante a dizer que ela *está louca por* outra e por alguma coisa⁷.

O problema com essas metáforas é que não se pode garantir que elas sejam instanciações metonímicas da fome, embora também não se possa garantir que não sejam. Se, por um lado, pode-se considerar que tais expressões são a lexicalização do *desconforto* da fome, pelo outro, há um certo número de itens que foram previstos e praticamente não encontramos exemplos em nenhuma das línguas, como a *tontura*, a *sonolência*, a *dor de cabeça*, a *ansiedade*, a *angústia* etc. Assim como nos exemplos acima, esses sintomas quando aparecem em expressões de desejo também não estão claramente relacionados à fome (exemplos 60 a 65).

⁷ É interessante notar que, em português, o aspecto verbal nas expressões licenciadas por essas duas metáforas é vital nas suas realizações com o sentido de desejo: somente o aspecto transitório (e.g. com o verbo *estar*) traz o sentido de desejo; o aspecto permanente (e.g. com o verbo *ser*) equivale a *gostar muito*.

- (60) His lips marauded again and again between commands to tell him she wanted him until she **felt dizzy** with desire and the need for survival. (Castle of desire. Heywood, Sally. Richmond, Surrey: Mills & Boon, 1991, pp. ??, 4548 s-units, 55467 words.)
- (61) She closed her eyes, **head spinning, mouth dry**, and felt her hands curl helplessly with desire on his broad shoulders.
- (62) Quando a gente tem várias opções para escalar, surge aquela gostosa **dor de cabeça** de escolher quem vai jogar. (Folha da Manhã, 14/09/97)
- (63) A “demanda por alimento espiritual”, que faz **roncar os cérebros nacionais**, de acordo com o professor de filosofia da Unicamp Roberto Romano, também tem como ingrediente a “burocratização da universidade”. (Folha da Manhã, 03/02/98)
- (64) Estou **ansioso** por verificar, pessoalmente, se a morte é vírgula, ponto e vírgula ou ponto final.” Monteiro Lobato, em 1948, segundo Edgard Cavalheiro. (Folha da Manhã, 28/06/98)
- (65) O desejo **angustiado** por mais droga provoca gestos característicos: o usuário procura desesperadamente restos de droga pelo chão, muitas vezes de joelhos (Folha da Manhã, 01/09/96)

Encontramos um único exemplo, em português, em que o desejo está explicitado por um desses itens relacionados ao desconforto provocado pela fome:

- (66) A Cia. Pombas Urbanas, que também está na mostra principal do festival com o espetáculo de rua “Mingau de Concreto”, iniciou sua trajetória uma década atrás em São Miguel, bairro da zona leste paulistana, onde nasceu boa parte dos 11 atores para quem o **ronco da fome cultural soou mais forte**. (Folha de S. Paulo, 17/02/2000)

Apesar de as cenas primárias não estarem em um nível de detalhamento que especifique o tipo de dor ou de qualquer outro desses sintomas, o fato de as expressões não estarem explicitamente relacionadas à fome levou-nos a considerar a possibilidade de essa cena primária não estar lexicalizada.

Colocaram-se, então, as seguintes questões: será que a falta de lexicalização de *desconforto* se configura como uma lacuna no mapeamento ou será que ele não se lexicaliza porque é um acarretamento do próprio termo fome⁸, aplicado ao desejo também? Se for uma lacuna, tem-se o problema de explicar o motivo dessa lacuna e por que ela ocorre tanto em português quanto em inglês. Se o desconforto for um acarretamento da fome, é provável também que este elemento esteja em um nível de detalhamento não compatível com as cenas primárias.

Outra possibilidade seria considerar que houve uma restrição do domínio alvo por não apresentar um elemento ao qual o mapeamento pudesse corresponder. Isso seria eliminar a inferência de que existe desconforto na experiência do desejo. Tal possibilidade, no entanto, pareceu-nos remota, não só pelo fato de o desconforto ser citado nas definições sobre fome como por ser especificado em outras formas literárias, conforme pode ser verificado no trecho de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector:

⁸ Fome aqui corresponde a *fome, sede, hunger e thirst*, e suas variações.

- (67) Ela sabia o que era o desejo – embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar.

A partir dessa análise, foi possível concluir que a metáfora DESEJAR É TER FOME é uma metáfora conceitual tanto em português quanto em inglês, cuja realização é bastante semelhante nas duas línguas. Embora alguns termos possam estar mais ligados convencionalmente a certo tipo de objeto em uma língua do que na outra, de modo geral, todos os termos presentes nas duas línguas aceitam objetos abstratos, concretos ou sentimentos afetivos. O mapeamento do desconforto provocado pela fome não tem realização lingüística clara nem em uma língua nem na outra.

As idéias de Grady e colaboradores parecem se confirmar no que diz respeito à emergência dessa metáfora. Conforme os dados lingüísticos, o processo gerador da metáfora em português parece ser o mesmo em inglês, como mostram as evidências acima. O exercício para determinação das cenas primárias, partindo da experiência da fome e do desejo, aponta no sentido de que esse processo gerador é a correlação entre a sensação da fome e o desejo simultâneo por comida.

Entretanto, toda essa interpretação pode estar enviesada pela própria determinação da metáfora em si. Partiu-se de uma metáfora determinada *a priori* pelos parâmetros normalmente utilizados pela Lingüística Cognitiva. Esses parâmetros têm recebido críticas por se caracterizarem como circulares, como já citamos, pois uma metáfora conceitual é identificada com base em expressões metafóricas presentes na língua, a partir das quais a representação metafórica é proposta, e as predições ou conseqüências derivadas dessa representação são mais expressões metafóricas (Murphy 1996; Wierzbicka 1986). Alguns teóricos têm argumentado que essas metáforas conceituais podem não ser representações subjacentes das metáforas verbais apresentadas como evidências, mas conseqüência de uma análise *a posteriori*, prontamente aceita devido ao conhecimento que se tem dos significados dos termos utilizados (Murphy 1996).

Por outro lado, as definições discutidas anteriormente também podem não determinar a forma como fome e desejo são conceitualizados, embora tenham trazido pistas coerentes com nossas intuições. Os vários aspectos fisiológicos representam sintomas físicos, concretos de determinadas sensações, mas é comum essas sensações serem conceitualizadas a partir de seus efeitos. No passado, o estômago, o intestino, o fígado e o baço já foram considerados a sede do ciúme e da depressão por causa de perturbações digestivas e abdominais durante crises emocionais (Dirckx 1992:100). Da mesma forma, o coração e/ou outras víceras já foram considerados como sede da razão e da emoção (Dumesnil 1935:22). Algumas dessas crenças estabeleceram-se no léxico, como as palavras *esquizofrenia* e *frenético*, originadas da palavra grega para diafragma, *phren*, parte do corpo considerada como a sede da mente no passado. Outras, no entanto, permaneceram no sistema conceitual metafórico ocidental, como é o caso de o coração ainda hoje ser considerado a sede da emoção, conforme mostram expressões como *Estou com o coração partido* e *Ele não tem coração*.

Como visto, tanto os dados lingüísticos podem não ser um reflexo de representações metafóricas subjacentes, quanto as definições de fome e desejo podem não corresponder à forma como esses conceitos são entendidos metaforicamente. Portanto, realizamos uma investigação de ordem experimental em busca de evidências mais claras sobre o processo envolvido na emergência da metáfora em estudo.

3. ANÁLISE EXPERIMENTAL

Em busca de evidências não lingüísticas da metáfora, examinamos as experiências corpóreas da fome de nossos informantes separadas da forma como eles entendem a fome para falar sobre o desejo (Lima, Gibbs & Françoze em preparação). Consideramos que algumas experiências corpóreas da fome são mais proeminentes do que outras, em ambos os grupos de falantes. Se a fome e o desejo são altamente correlacionados e as pessoas dão sentido aos seus desejos metaforicamente em termos da fome, então essas partes mais proeminentes das suas experiências da fome devem estar mapeadas nos diferentes conceitos de desejo. Assim, as pessoas devem achar certas formas de expressar o desejo em termos da experiência da fome mais aceitáveis do que quando usados aspectos menos proeminentes.

Realizamos dois estudos. No primeiro, participaram 23 alunos da Unicamp e 20 alunos da Universidade da Califórnia em Santa Cruz. Cada sujeito recebeu uma lista com três tipos de sintomas que provavelmente resultam da fome, aos quais chamamos de (a) *sintomas locais*, referindo-se a efeitos da fome em partes específicas do corpo (e.g. ter dor de estômago, o estômago roncar); (b) *sintomas gerais*, referindo-se a efeitos da fome no corpo como um todo (e.g. ficar tonto, sentir desconforto); e (c) *sintomas de comportamento*, referindo-se a vários comportamentos que podem ocorrer em consequência da fome (e.g. ficar desequilibrado, ficar muito angustiado). Cada um desses três sintomas incluiu itens que (1) consideramos estarem intimamente relacionados com a experiência da fome (e.g. ter dor de cabeça), (2) possivelmente relacionados com a fome (e.g. suar frio), e (3) não relacionados com a fome (e.g. os dedos estalarem). Os itens foram exatamente os mesmos para as duas línguas.

Os sujeitos receberam um questionário com uma lista aleatória dos sintomas. A tarefa era julgar cada item, numa escala de 1 a 7 (com 1 significando *nunca* e 7, *sempre*), conforme a frequência com que esses itens ocorriam na experiência da fome. Os resultados mostraram que tanto os falantes de português quanto os de inglês julgaram de forma semelhante os diferentes itens. Ou seja, os dois grupos julgaram como altamente relacionados à experiência da fome os seguintes efeitos:

(a) como sintomas locais

o estômago ronca
a simples idéia de comida dar água na boca
ter dor de estômago
ter dor de cabeça

Médias: português: 5,78
 inglês: 5,39

(b) como sintomas gerais

sentir desconforto

sentir fraqueza

ficar tonto

ficar irritado

ter apetite

Médias: português: 6,12
 inglês: 6,03

(c) como sintomas de comportamento

ficar desequilibrado

ficar emocionalmente frágil

ficar muito angustiado

Médias: português: 5,09
 inglês: 4,74

E, de forma semelhante, concordaram nos itens não relacionados com a experiência da fome:

(a) como sintomas locais

os joelhos incharem

os pés doerem

as mãos coçarem

os dedos estalarem

Médias: português: 1,88
 inglês: 2,02

(b) sintomas gerais

ter vontade de correr

não querer ver ninguém

ficar tagarela

ter febre

Médias: português: 2,84
 inglês: 3,27

(c) sintomas de comportamento

comportar-se normalmente, educadamente

conseguir trabalhar normalmente

Médias: português: 2,26
 inglês: 2,63

No geral, esses achados indicam que as pessoas têm uma regularidade significativa nas experiências corpóreas da fome, pelo menos os falantes das duas culturas estudadas. Naturalmente, todos os sujeitos julgaram vários itens como moderadamente relacionados à fome, mas, para os nossos propósitos, apenas aqueles forte ou fracamente relacionados à fome nos interessavam. Apesar de a fome ser uma experiência física e comum a todo ser humano, a percepção e concepção dessa experiência poderia não ter sido necessariamente a mesma. No entanto, como mostram os dados acima, os falantes de uma língua e da outra praticamente não diferiram quanto ao que representa ou não representa um sintoma de fome.

A partir dos resultados sobre a conceitualização da fome em cada língua, o estudo seguinte examinou se esse conhecimento sobre a fome estava correlacionado com a compreensão das experiências de desejo. O desejo, por sua vez, foi investigado levando-se em consideração três aspectos: o desejo pela pessoa amada (*amor*), o desejo por atração sexual (*luxúria*) e o desejo por alguma coisa ou de fazer alguma coisa (a categoria *outra*).

A coincidência entre os dados das duas línguas permitiu a construção de instrumentos bastante semelhantes para essa segunda investigação. Perguntamos aos falantes do português e do inglês, da mesma população do primeiro estudo, i.e., estudantes da Unicamp e da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, sobre suas intuições a respeito dos vários sintomas da fome aplicados ao desejo. Fizemos isso através de dois tipos de questões: O primeiro tipo, ao qual chamamos de *pergunta do corpo*, enfocava os efeitos dos três tipos de desejo no corpo. Por exemplo,

Como você imagina que se sente uma pessoa que deseja muito alguém ou alguma coisa?
fica tonta
sente fraqueza
fica com sono
fica tagarela

Metade dos itens foi construído com as experiências corpóreas altamente relevantes à experiência da fome (e.g. *ficar tonto*) e a outra metade com as experiências corpóreas pouco relevantes à fome (e.g. *ficar tagarela*), conforme os resultados do primeiro estudo⁹, para cada língua. A tarefa dos sujeitos era, novamente, ler cada item e julgar a relevância das várias experiências corpóreas com relação ao desejo, numa escala de 1 a 7 (com 1 significando *nunca* e 7, *sempre*).

O segundo tipo de perguntas, às quais chamamos de *perguntas lingüísticas*, focalizava as intuições das pessoas sobre a aceitabilidade de formas diferentes de expressar lingüisticamente o desejo. De forma semelhante às *perguntas do corpo*, metade dos itens continha as experiências altamente relacionadas à fome, e a outra metade aquelas julgadas pouco relacionadas à fome. Essas *perguntas lingüísticas* também foram feitas para os três tipos de desejo (i.e., *amor*, *luxúria* e *outra*) e a tarefa dos sujeitos era ler cada frase e julgar, numa escala de 1 a 7, se ela era uma forma aceitável de falar sobre o desejo na sua respectiva língua (com 1 significando *não*

⁹ Nas duas línguas, as diferenças entre os grupos de itens mais e menos associados à fome foram estatisticamente significativas.

aceitável e 7, plenamente aceitável). Por exemplo, com relação ao desejo por amor ou luxúria, os sujeitos julgaram frases do tipo:

Meu estômago dói por você.
 Naquela época, eu tinha uma forte dor de cabeça por você.
 Tenho febre por você.
 Você é a única pessoa que acha que os meus dedos estalam por você.
 Meu estômago ronca por você.
 Todo mundo agora sabe que meus joelhos incham por você.

com relação ao desejo por outras coisas, foram julgados itens tais como:

Eu gostaria de entender o que me dá essa febre pelo poder.
 A verdade me faz emocionalmente frágil.
 Com essa minha forte dor de cabeça por conhecimento, passei a ler tudo sobre religião.
 A verdade é que os meus dedos estalam por uma oportunidade de ir à lua.
 Reduzido à pobreza, o meu estômago ronca pelos velhos tempos.
 Este é o lugar de encontro para pessoas como eu que são fracas por xadrez.

Vinte e um alunos da Unicamp e 20 da Universidade da Califórnia de Santa Cruz, que não participaram do experimento anterior, julgaram as *perguntas do corpo* e as *perguntas lingüísticas*. Uma análise das médias entre sujeitos dentro de cada língua mostrou que os itens anteriormente julgados como altamente relevantes à fome foram agora vistos como mais aceitáveis, conforme mostra a tabela abaixo.

Médias da Aceitabilidade dos Efeitos Forte ou Fracamente Associados à Fome Relacionados aos Desejos

		Português	Inglês
<i>Amor</i>	Forte	3,22	3,49
	Fraco	2,81	3,07
<i>Luxúria</i>	Forte	3,55	4,00
	Fraco	2,40	2,86
<i>Outra</i>	forte	3,49	3,54
	fraco	2,68	2,91

Obs: Todas as diferenças entre efeitos fortes e fracos são estatisticamente significativa.

E isso ocorreu tanto nas *perguntas do corpo* quanto nas *perguntas lingüísticas*:

Médias da Aceitabilidade dos Efeitos Forte ou Fracamente Associados à Fome Relacionados aos Desejos, por Tipo de Pergunta

		<i>Perguntas do Corpo</i>		<i>Itens Lingüísticos</i>	
		Português	Inglês	Português	Inglês
<i>Amor</i>	Forte	3,67	3,51	2,78	3,47*

	Fraco	2,86	2,82	2,76	3,32*
<i>Luxúria</i>	Forte	3,78	4,06	3,31	3,94
	Fraco	2,67	2,90	2,13	2,82
<i>Outra</i>	forte	3,50	3,51	3,47	3,57
	fraco	2,73	3,09	2,63	2,73

* Sem diferença estatisticamente significativa.

Os achados das *perguntas do corpo* e *lingüísticas* foram de modo geral consistentes entre português e inglês para os três tipos de sintomas e para os três tipos de desejo (*amor, luxúria e outra*). As diferenças entre os itens fraco e forte para cada tipo de desejo foi estatisticamente significativo, com exceção de *amor* para falantes do inglês, quando se tratava da aceitabilidade de itens lingüísticos. A rejeição dos itens nas *perguntas lingüísticas*, no entanto, têm menor relevância do que nas *perguntas do corpo*, pois a aceitação de expressões lingüísticas pode ser arbitrária e ocasional. Por exemplo, embora as expressões *hunger for sex* e *hunger for power* tenham uso convencional em inglês, a forma *sex-starved* é facilmente aceita pelos falantes enquanto *power-starved* não. De forma semelhante, em português, alguns usam com naturalidade a expressão *fome de bola*, enquanto outros dizem que essa não é uma expressão do português¹⁰. Portanto, resultados baseados em *itens lingüísticos* podem não traduzir exatamente a rejeição dos itens analisados.

No geral, no entanto, os dados demonstraram que conhecer alguma coisa sobre as experiências corpóreas da fome nos permite prever que aspectos do desejo podem e não podem ser pensados e expressos em termos do nosso entendimento físico, corpóreo, da fome. Além disso, nossos achados corroboram a idéia de que o entendimento que as pessoas têm de expressões metafóricas sobre os desejos humanos – tais como *os políticos têm fome de poder* ou *essas crianças têm fome de carinho* – é motivado por suas experiências corpóreas relacionadas à fome. E isto ocorre tanto com falantes nativos do português brasileiro quanto do inglês americano.

Em outras palavras, as hipóteses de Grady e colaboradores se confirmam para esta metáfora em particular. No entanto, é importante lembrar que esta é apenas uma entre as diversas metáforas que permeiam a linguagem, sendo ainda necessário um estudo mais abrangente, com análises semelhantes às realizadas neste trabalho, de várias outras metáforas para se poder confirmar a realidade da metáfora primária proposta pelos autores acima.

Nossa avaliação sobre a emergência da metáfora DESEJAR É TER FOME se encerra com esses resultados experimentais, sugerindo fortemente que ela é gerada da correlação entre a recorrência da sensação física da fome e o desejo concomitante por comida. Entretanto, quanto à natureza desta metáfora ainda têm-se a acrescentar sua

¹⁰ Dados baseados em um levantamento informal com falantes nativos do inglês e do português, respectivamente.

dimensão de uso nas duas línguas estudadas. Para tanto, fizemos um amplo levantamento de expressões com os termos da fome em várias e diferentes fontes de diversos gêneros discursivos, cujo resultado está apresentado a seguir.

4. ANÁLISE LINGÜÍSTICA II – A PRODUTIVIDADE DA METÁFORA

Conforme vimos em outra parte deste trabalho, a realização lingüística da metáfora DESEJAR É TER FOME e seu uso nas línguas portuguesa e inglesa são muito semelhantes em dois sentidos: (1) os diferentes termos usados para se referir à fome física são usados para expressar o desejo e (2) não há restrições para o tipo de objeto do desejo expresso através da fome, que tanto pode ser uma pessoa quanto alguma coisa concreta ou abstrata. Nossa análise lingüística inicial tinha como objetivo verificar as possibilidades de realização da metáfora conforme o prescrito pela hipótese da metáfora primária, a saber, que a identificação das cenas primárias permite prever, pelo menos parcialmente, a estrutura lingüística da metáfora. Além disso, ela nos deu subsídios para a elaboração do instrumento utilizado na pesquisa.

Neste segundo momento, nossa análise se volta para um outro aspecto da metáfora em questão: a sua produtividade. É nosso interesse verificar a dimensão da influência de nossas experiências corpóreas da fome na linguagem que expressa o desejo nos seus mais variados contextos e gêneros. Para tanto, buscamos exemplos da metáfora DESEJAR É TER FOME nas línguas portuguesa e inglesa, em diversas e diferentes fontes, como já explicitado no item 2 deste trabalho.

Investigamos a metáfora basicamente sob duas perspectivas. Considerando o tipo de discurso em que as expressões se inserem: se na linguagem comum, na linguagem literária e poética, na publicidade, e/ou na linguagem de divulgação científica e linguagem técnico-científica de algumas áreas do conhecimento; e considerando cada expressão em termos das características intrínsecas ao desejo envolvido, como a necessidade de *conhecimento, comunicação, amor e justiça*.

Encontramos expressões, nas duas línguas, em campos abrangentes de discursos, satisfazendo a várias intenções. Os vários termos usados para se referir à fome são altamente produtivos na forma das duas línguas expressarem o desejo. Dependendo da área de conhecimento, verificamos que alguns termos são mais produtivos que outros. Por exemplo, o termo *apetite*, em português, e *appetite*, em inglês, são ambos usados com muita frequência na linguagem da economia, entretanto, isto não significa que os demais termos não apareçam, pois, como pode ser visto nos exemplos abaixo, encontramos diferentes termos sendo usados com exatamente o mesmo objeto do desejo:

appetite for Internet stocks – thirsty for Internet stocks

cash-hungry - cash-starved – cash thirst

hungry for capital – appetite for capital – starved for capital

appetite for bargaining – mouth-watering bargain

sede de lucros – apetite por lucros

babar milhões de dólares – fome de dólares

fome de crescer – sede de crescer

As diversas expressões coletadas estão organizadas em forma de um glossário bilíngüe (Lima & Silva em preparação), que se propõe a auxiliar estudiosos e profissionais que lidam com mais de uma língua, como tradutores e professores de língua estrangeira. Além de dar consciência sobre a possibilidade de uso dos termos da fome para expressar o desejo nos diversos gêneros discursivos e em várias áreas do conhecimento humano, os mais de mil exemplos possibilitam visualizar colocações e estruturas sintáticas em que ocorrem as expressões.

A riqueza e dimensão de uso da metáfora DESEJAR É TER FOME, em várias instâncias discursivas, podem ser vistas nos itens a seguir:

4.1. A metáfora na linguagem da publicidade

Entre os exemplos coletados estão registrados alguns anúncios publicitários que apareceram em Fortaleza, durante o ano de 2000, divulgados através de diferentes meios de comunicação (rádio, TV, outdoors), instigando o desejo do consumidor por produtos com naturezas bastante diversificadas, como alimentos naturais, TV a cabo e preços baixos.

- (68) Produtos Ibran. Para quem tem **sede de energia** (RD Estudo: Anúncio publicitário sobre os alimentos naturais da Ibran – Fortaleza, 2000)
- (69) Um prato cheio para quem tem **fome de TV**. (RTC, Rede TV a Cabo: Anúncio publicitário sobre TV a cabo – Fortaleza, 2000)
- (70) Comercial Rabelo. Para matar a **sede de preços baixos**. (Anúncio publicitário sobre a loja de eletrodomésticos Rabelo – Fortaleza, 2000)

Há também registros de propagandas gerais:

- (71) **Hungry for music?** (internet)

4.2. A metáfora na linguagem da economia

Como mencionado anteriormente, embora no discurso de economia, tanto o divulgado pela mídia impressa quanto o presente na linguagem acadêmica, a metáfora DESEJAR É TER FOME realize-se, freqüentemente, pela ocorrência do termo *apetite/apetite*, relacionando o desejo por uma vantagem financeira ao apetite por alguma comida que satisfaça a fome:

- (72) Quem pensa em entrar na Bolsa deve moderar seu **apetite**, dizem os analistas. (Folha de S. Paulo, 06/12/1999)
- (73) HomeGrocer's big **apetite** carries risks (The Seattle Times, 08/03/2000)

o desejo envolvido em negociações na bolsa de valores e outros aspectos presentes na economia, como o desejo de lucro, de crescimento, de ganhar dinheiro e de negociar, apresentam-se em ambas as línguas conceitualizados em termos da sensação concreta da fome através dos vários termos:

- (74) and the company's dual management team were seen weighing longer-term on the shares and dampening institutional **appetite for the stock** (The Seattle Times, 11/07/2000)
- (75) Gamble on the **thirst for profit**. Money; Tax-free (Bank of English)
- (76) We were strangled, **starved for funding** progressively (The Village Voice, 15/12/1999)
- (77) Se você já está com **água na boca**, é bom saber que os ganhos mostrados na tabela desta página são pérolas raras. Em primeiro lugar, porque é muito difícil encontrar no mercado fundos de investimento tão longevos que ainda aceitem aplicações. (Folha de S. Paulo, 21/12/1998)
- (78) Mercosul está '**sedento de expansão**', diz FHC (Folha de S. Paulo, 05/12/1998)
- (79) Fáceis de falar e difíceis de fazer, essas questões devem ser atacadas com urgência se quisermos apresentar índices de desempenho satisfatórios para atender aos reclamos de um país com **sede de crescer** (Exame, 01/06/1999)

Essa fome abstrata também está presente no discurso científico especializado, através dos seus vários termos:

- (80) magnitude of the **hunger for bonus** (Lemaire, J. "A Comparative Analysis of Most European and Japanese Bonus-malus Systems". *Journal of Risk and Insurance*; 55(4): 660-681, 1988)
- (81) What is feeding America's apparently inexhaustible **appetite for growth** and its recent dramatic improvements in productivity? (Handy, C. *Tocqueville revisited - The meaning of American prosperity*. *Harvard Business Review* 79(1): 57, 2001)

4.3. A metáfora na linguagem das ciências e tecnologias

A fome metafórica de elementos químicos, células, ou outras entidades está presente na linguagem de várias áreas científicas ou tecnológicas (e.g. biologia, física, química, agronomia, astronomia, sociologia, informática), através dos vários termos da metáfora. Há vários exemplos na literatura científica:

- (82) Targeting voracious **appetite of malaria-infected red-blood cell** (Pasvol, G. *Lancet* 357 (9254): 408-410, 2001)
- (83) The demand for water to support irrigated agriculture has led to the demise of wetlands and their associated wildlife for decades. This **thirst for water** is so pervasive that many wetlands considered to be hemispheric reserves for waterbirds have been heavily affected; (Lemly, A. et al, *Irrigated agriculture and wildlife conservation: Conflict on a global scale*. *Environmental Management* 25(5): 485-512, 2000)
- (84) Astronomy - **Starving black holes** sound an SOS (Schilling, G., *Science* 284 (5414): 567-568, 1999)

- (85) Em particular, estabelecemos a importância da condição de **plasma faminto** (starving plasma) na obtenção de amostras de carbeto de silício amorfo hidrogenado de alto gap. (Carreno, M. *Filmes de carbeto de silício de alto gap óptico obtidos pela técnica de pecvd*, Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1994)
- (86) O **apetite da antropologia**, o sabor atropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá (Título da Tese de Doutorado de Agnolin, A., São Paulo, USP, 1998)

em jornais:

- (87) Farmers' **appetite for gene-engineered crops** (The Seattle Times, 01/04/2000)
- (88) The free stuff, like food giveaways at the supermarket, is designed to whet your **appetite for more powerful tools** (The Seattle Times, 14/11/1999)
- (89) Califórnia, onde o século 21 já se instalou e as enxurradas de novidades tecnológicas são rapidamente absorvidas pela **massa sedenta** de novas ferramentas hi tech. (Folha de S. Paulo, 15/11/1999)

E até mesmo em obras literárias:

- (90) Indicava uma área mais repousada nas extremas do latifúndio, terrenos lavrados com **fome de sementeiras**. (J. Américo de Almeida, *A Bagaceira*, 1928)

4.4. A metáfora na linguagem da política

O relacionamento entre os domínios FOME e DESEJO também pode ser identificado no discurso sobre política das duas línguas, seja para expressar o desejo de liderança política:

- (91) Em um mundo **faminto por líderes** imbuídos de sua importância histórica, Mandela se transformou em figura solitária na galeria dos grandes negociadores. (Folha de S. Paulo, 30/05/1999)
- (92) of state power it represented. But, **hungry for protective leadership**. (Bank of English)

seja para descrever o desejo de vantagem nos segmentos políticos ou outros:

- (93) O diário afirmou em editorial que o processo de impeachment de Clinton está sendo modelado “pela **fome republicana de maior vantagem partidária**, em vez de atender aos melhores interesses do país”. (Folha de S. Paulo, 19/12/1998)
- (94) It is true that conservatives are willing to give Bush more ideological running room than they gave his father in '92 or Dole in '96 because they are so **hungry to recapture the White House**. (The Seattle Times, 10/07/2000)
- (95) He mustn't reveal his unease over his wife's having as voracious an **appetite for public office** as anyone else – including him – who ever campaigned. (Seattle Times, 25/08/1999)
- (96) O problema é a minha falta de **apetite por cargos públicos**. (Folha de S. Paulo, 22/05/1997)

Sabe-se que o poder é um recurso pelo qual se luta continuamente no plano político. Foi exatamente na categoria Política que identificamos a maior frequência de expressões que descrevem o desejo pelo poder.

- (97) What gives people the **hunger for power**? (Collins Cobuild)
- (98) It is not necessary to teach men to **thirst after power**. (Oxford)
- (99) Overtures simply fuelled his **appetite for power**, writes Lawrence (Bank of English)
- (100) Nossos políticos têm uma insaciável **sede pelo poder**. (IstoÉ)
- (101) Mas seria exagero atribuir-lhe (a FHC) uma **fome cesárica de poder**. (Folha de S. Paulo, 07/12/1997)
- (102) Políticos suspeitos de não aprovar o **apetite de poder** do sr. Fernando Henrique Cardoso. (Folha de S. Paulo, 17/01/1997)

4.5. A metáfora na linguagem do esporte

No discurso usado para falar sobre esporte, encontramos diversas expressões metafóricas para expressar o desejo pela vitória, especialmente referindo-se a competições esportivas.

- (103) Adversário de Kuerten se diz '**faminto**'. "Mas agora é diferente. Estou tentando dar a volta por cima e estou **faminto pela vitória**." (Folha de S. Paulo, 07/06/1997)
- (104) Acosta aposta na **sede de vitória** de seus jovens jogadores para derrotar a seleção brasileira. (Folha de S. Paulo, 19/01/2000)
- (105) Na metade de 93 a equipe contratou um francês baixinho e gordinho com um **apetite enorme por vitórias**: Jean Todt, ex-Peugeot, encarregado de arrumar uma casa que sempre teve muito cacique e pouco índio. (LAFAPE)
- (106) Winning the Tour de France after beating cancer made Lance Armstrong a global star. But fame, he says, hasn't spoiled his **appetite for victory** or his desire to make a statement. (Newsweek, 2000)
- (107) **fome de ganhar** (E. Carneiro Ribeiro, *Serões Gamaticais*)
- (108) and full potential, and satisfy that **hunger for winning** that is part of every (Bank of English)

Naturalmente, a fome metafórica também é bastante produtiva na expressão do desejo das diversas entidades e pessoas envolvidas com o esporte, como equipes e times esportivos, repórteres e outros profissionais da mídia, torcedores, dirigentes e os próprios jogadores/atletas.

- (109) Os amantes do futebol, sempre com **fome de bola** apreciaram o delicioso couvert enquanto aguardavam, ansiosos, a chegada do prato principal: o Campeonato Paulista. (LAFAPE)

- (110) and Cardiff meet in a **mouth-watering Swalec Cup quarter-final**. (Bank of English)
- (111) O basquete nacional pode hoje não dar **água na boca**, mas é o que há para comer até 1999. (Folha de S. Paulo, 24/11/1998)
- (112) And that's partly why baseball scouts should be **drooling over Ramsey's potential**, Eastlake Coach J.T. D'Amico said. (The Seattle Times, 14/06/2000)
- (113) O crescente interesse pelo Campeonato Paulista aumentou a sede das emissoras de televisão. (LAFAPE)
- (114) “É como numa refeição. Esse torneio é a entrada. Não é o prato principal, mas abre o **apetite do torcedor**”, diz o treinador. (Folha de S. Paulo, 22/01/2000)
- (115) Lakers serve fans, Blazers a playoff **appetizer** for May (The Seattle Times, 01/03/2000)
- (116) Contra os africanos, sinto que vou deixar minha assinatura. Estou com **fome de gols**. Eles que se cuidem. (diz Romário) (Folha de S. Paulo, 07/12/1997)
- (117) and, unless he develops more of a **hunger for goals** to match the “hunger for involvement” which Peter Grant (Bank of English)

4.6. A metáfora na linguagem das artes e literatura

Podem-se encontrar em comentários a respeito de obras, desempenhos e interesses artísticos todos os termos licenciados pela metáfora DESEJAR É TER FOME:

- (118) Nossas câmeras eram pobres, nossos filmes, preto-e-branco, nosso som, precário. No entanto, a **fome de mostrar o olho do boi morto, o mandacaru podre, as mãos brutas dos camponeses, a cara boçal da classe média** fazia-nos desprezar até o aperfeiçoamento técnico, numa espécie de mímica do cotidiano proletário. (Folha de S. Paulo, 17/11/1998)
- (119) Filmgoers **hungry for dramatic intensity** may wish more of her fellow characters would have done just that. (The Democrat and Chronicle Newspaper, 13/04/2000)
- (120) Nada mais sadio que três desses diretores, involuntariamente e de uma leva só, lembrarem agora a quem **baba por Hollywood** que as coisas não são bem assim. (LAFAPE)
- (121) Now she's **drooling over her role as Monica** in (Bank of English)
- (122) Quem visita Salvador tem **sede** de música, **de dança**, de arte. E é isso o que a gente tem de melhor a oferecer', diz Daniela. (Folha de S. Paulo, 16/02/1998)
- (123) Those stacks of records of yours **make me drool**. (Brown)

inclusive na linguagem de especialidades:

- (124) France's **appetite for Neo-Baroque** (An interview with Marie-Genevieve Masse) (Hahn, T & Masse, M., *Ballett International-Tanz Aktuell* (3): 36-37, 2000)

Quanto à linguagem presente na literatura, na poesia e na música, propriamente ditas, acredita-se que o trabalho com o objeto estético é alcançado especialmente com o

uso criativo da metáfora, onde poetas, principalmente, estão além da linguagem comum (Lakoff & Turner 1989). No entanto, vemos aqui que a metáfora DESEJAR É TER FOME, que é convencional, aparece no gênero literário tão natural e automática quanto nas demais áreas do conhecimento. Na passagem abaixo, *a fome de transcendência* de Olímpico, personagem da *Hora da Estrela* de Clarice Lispector, apenas seria saciada com o mel e as carnes que Glória, a melhor amiga de sua então namorada Macabéa, poderia oferecer-lhe.

- (125) E agarrou-se em Glória com a força de um zangão, ela lhe daria mel de abelhas e carnes fartas. Não se arrependeu um só instante de ter rompido com Macabéa pois seu destino era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros. Ele tinha **fome de ser outro**.

Margaret Bullitt-Jonas, na última página do livro em que conta a história de sua vida, *Holy Hunger: A Memoir of Desire*, enfatiza como todos os seus problemas com a fome que pensava ser física foram sendo resolvidos à medida em que aprendia a identificar não se tratar de uma fome literal mas de seu desejo por algo que desse sentido à sua vida.

- (126) By the time my father died, I knew I was on my way. I had set my course. I knew that whatever my life was about, it was about desire, the desire beyond all desire, the desire for God. It was about learning to listen to my deepest **hunger** and to let this **hunger** guide me, as a ship steers at night by the stars.

Brenda Shaughnessy, a partir da criação do paralelismo entre first/thirst/third, insinua a sede erótica que provocará no outro.

- (128) I will be your first, your **thirst**, your third.
I'll cramp up boxy, I will starlet out
in roads of light, or crimes, or words

Na música popular brasileira, há muitos exemplos do uso da metáfora da fome, principalmente relacionado ao amor, como o exemplo de *Tanta Saudade*, de Chico Buarque e Djavan:

- (127) Quis chegar até o limite da paixão
Encontrar o sal da vida, (...)
Esgotar o **apetite**, todo o **apetite do coração**

4.7. A metáfora na linguagem comum ordinária de temas diversos

Como parte de uma linguagem comum ordinária, não exatamente relacionada a nenhuma área de conhecimento específico, como as que vimos acima, identificamos que vários temas são expressos através da linguagem licenciada pela metáfora DESEJAR É TER FOME. Exemplos são:

(a) o desejo de sentimentos socialmente questionáveis como a violência e a vingança:

- (129) The **appetite for violence** remains strong enough (Bank of English)

(130) O tempo estava de morte, de carnificina; todos tinham **sede de matar**, para afirmar mais a vitória e senti-la bem na consciência coisa sua, própria, e altamente honrosa. (LAFAPE)

(131) Sad **thirst for killing**. (Bank of English)

O desejo de sangue, metonímia do desejo de violência, tem larga ocorrência em ambas as línguas.

(132) (Saddan Hussein) é um personagem de um drama shakespeariano: inteligente, mas **sedento de sangue** e amoral. (Folha de S. Paulo, 22/02/1998)

(133) ... and then settles in for tales of torture and tough-guy survival amid the hordes of **bloodthirsty communists**. (The Village Voice, 09/06/1999)

(b) O desejo envolvendo sentimentos que estão além do plano físico, diretamente ligados a crenças no plano não material:

(134) The **thirst for the absolute** which is inherent in human nature (Collins Cobuild)

(135) Para socorrer os homens em sua **fome de sagrado**, nos 19 séculos que seriam necessários à preparação da televisão e dos atores, a tevê foi inventando Platão, Dante e Michelângelo, anões... (Folha de S. Paulo, 27/12/1997)

(136) No entanto, em todos nós existe - e forte - a **sede de Deus**. (Folha de S. Paulo, 29/01/2000)

(137) "I think a lot of people are really **hungry for an image of Jesus** that looks" (Bank of English)

(c) A descrição de algumas de nossas necessidades básicas, como a comunicação:

(138) **Estou seca**, seu Jorge, **por uma prosa**... então agora que o senhor estudou, quanta história bonita que nos há de contar! (Afrânio Peixoto, *Bugrinha*, 1922)

(139) Sometimes I get **hungry for conversation**. (Bank of English)

(140) Em casos especiais, e se o currículo o justificar, poderá ser considerada a possibilidade de aceitar candidatos que manifestem **apetência em aprender a língua portuguesa** e tenham capacidades/conhecimentos de línguas próximas. (*Projecto Processamento Computacional do Português*, Portugal www.portugues.mct.pt)

(141) Africa is **hungry for the English language**... Support to the English language is and must remain an integral part of Britain's technical assistance to Anglophone Africa. (The Director-General of the British Council, quoted in Clarke 1988:25, apud Phillipson, R. *Linguistic Imperialism*. Oxford: OUP, 1997)

e o conhecimento:

- (142) É minha **fome de conhecimento**, devo matá-la. É minha arma contra a ignorância. (Folha de S. Paulo, 25/11/1996)
- (143) A child who once sated his **hunger for knowledge** in books - as his mother's envoy into a realm of dreams deferred. (The Village Voice, 10/03/1999)
- (144) She has a mind **thirsty after knowledge** (Oxford)
- (145) No entanto, eu tinha **sede de saber e buscar mais informações**. Sempre adorei ler.” (Cavalcante Jr., F. S., 2000, *A Experiência de Ler* Fortaleza: UNIFOR, mimeo)
- (146) Há uma **sede insaciável de conhecimento sobre o tema**. (Exame, 11/08/1999)
- (147) appreciate the poems of Betjeman or **drool over the theory of relativity** (Bank of English)

(d) A forma de expressar o amor romântico que sentimos por alguém:

- (148) A história de Jonathan Larson trata do cotidiano de jovens que têm aluguel para pagar e **fome de amar**. (Folha de S. Paulo, 04/02/2000)
- (149) a **hunger for love**” (Password)
- (150) It seems to me that our three basic needs, for food and security and love, are so mixed and mingled and entwined that we cannot straightly think of one without the others. So it happens that when I write of hunger, I am really writing about **love** and the **hunger for it...** (Fisher, M. The MLA Hungerartists website [www.langlab.wayne.edu/MLAlienation])
- (151) I've **hungered for your touch** (The Righteous Brothers)
- (152) Minha boca tem **fome** só da tua! (Florbela Espanca, *Poemas de Florbela Espanca*, 1996)

e, principalmente, o desejo sexual:

- (153) ... elas ainda não sabem que uma polegada a mais, uma a menos, pouco importa para quem tem **apetite por mulher**. (Folha de S. Paulo, 07/12/1997)
- (154) There is no denying that Fela had an **appetite for women**. He claimed sexual union as the source of his inspiration. (The Village Voice, 15/12/1999)
- (155) E tá todo mundo **babando por ela** [Gisele Bündchen] (Folha de S. Paulo, 29/01/2000)
- (156) Meu bem, você me dá água na boca. (Rita Lee, *Mania de você*)
- (157) ... an unhappy teenager whining that she needs a father “who’s a role model, not some horny geek boy” **drooling over her friends**. (The Village Voice, 15/09/1999)
- (158) Por que elas gostam de negros? Eles garantem que o molejo e o **apetite sexual** dos negros desperta curiosidade e atrai as mulheres (Folha de S. Paulo, 18/05/1997)

Este breve exame lingüístico das formas como falantes de português e inglês expressam seus diferentes tipos de desejo é mais uma evidência de que a experiência da fome estrutura aspectos significativos de nossa compreensão do desejo. O uso da metáfora DESEJAR É TER FOME é profícuo e abrange os mais variados temas e gêneros discursivos de forma muito semelhante nas duas línguas. Isso corrobora mais uma vez a hipótese de Grady e colaboradores no que diz respeito à ausência, ou quase ausência, de elementos culturais nas metáforas primárias. Em nossos experimentos psicolingüísticos, verificamos que os falantes do português e do inglês praticamente não diferiram na forma de conceitualizar a fome e de estruturar o desejo em termos da fome. Nesta análise da produtividade de DESEJAR É TER FOME constatamos que o elemento cultural também praticamente não aparece na realização lingüística da metáfora, fechando, assim, o círculo conceitual-lingüístico.

CONCLUSÃO

Para saber se a metáfora reflete aspectos metafísicos ou se ela tem base em experiências corpóreas requer que se busque empiricamente conexões entre a experiência corpórea e a metáfora no pensamento e na linguagem. Especulações teórico-filosóficas apenas não são suficientes para se entender como a metáfora se relaciona e está baseada na experiência corpórea humana. É necessário que se explicita de que forma os padrões de experiência corpórea estão relacionados ao pensamento e à linguagem, e que se faça isso de tal maneira que a hipótese possa em princípio ser falseada. Somente assim é possível ser a favor, ou contra, a metáfora corpórea. A hipótese da metáfora primária, nesse sentido, contribui de forma relevante para a teoria da metáfora conceitual, pois, além de explicar de forma mais coerente aspectos que têm sido altamente questionados por outros estudiosos, é passível de falseamento.

Através de estratégias metodológicas específicas, analisamos a emergência e natureza da metáfora DESEJAR É TER FOME tomando por base a hipótese da metáfora primária. Identificamos, inicialmente, as cenas primárias e o conseqüente mapeamento que licencia as metáforas lingüísticas. Verificamos que os termos da fome são usados para expressar metaforicamente o desejo por pessoas ou coisas concretas e abstratas, tanto no português quanto no inglês. Em seguida, investigamos a forma como falantes brasileiros e americanos conceitualizam a fome e estruturam o desejo em termos da fome, independentes de suas experiências com as expressões lingüísticas. Os dados demonstram que os sujeitos das duas línguas não só conceitualizam a fome de modo muito semelhante como estruturam metaforicamente o conceito desejo em termos de suas experiências com a fome física. Finalmente, fizemos um amplo levantamento sobre a extensão de uso lingüístico da metáfora e verificamos que ela se realiza de forma bastante produtiva e semelhante nas duas línguas, em diversas instâncias discursivas.

Nossos resultados mostram que podemos predizer com certa precisão, a partir da análise das experiências corpóreas de fome dos indivíduos, que aspectos do desejo, e que tipos de elocuições lingüísticas, tanto em português quanto em inglês, serão vistos

como mais significativos. Tais dados são consistentes com a idéia de que as metáforas primitivas servem como a base mais fundamental para o pensamento e a linguagem metafóricas, corroborando assim as hipóteses de Grady e colaboradores.

Não negamos que algumas metáforas verbais, incluindo algumas expressões poéticas, possam refletir mapeamentos que pouco têm a ver com o corpo. No entanto, existe um grande número de evidências empíricas da lingüística e da psicologia, incluindo agora este trabalho, que demonstram como a metáfora recebe muito do seu poder conceitual e expressivo a partir de mapeamentos sistemáticos de domínios fonte corpóreos em domínios alvo da experiência mais abstratos.

REFERÊNCIAS

- DEIGNAN, Alice. (1997). Metaphors of desire. In HARVEY, K. & SHALOM, C. (eds.), *Language and desire: encoding sex, romance and intimacy* (pp.21-42). London, New York: Routledge.
- DIRCKX, John H. (1992). As confusões anatômicas na linguagem cotidiana. In: *Ciência e Futuro 1992* (pp.94-109). Livro do Ano. Encyclopaedia Britannica do Brasil.
- DUMESNIL, René. (1935). *Histoire illustrée de la médecine*. Paris: Librairie Plon.
- EMANATION, Michele. (1995). Metaphor and the expression of emotion: the value of cross-cultural perspectives. *Metaphor and Symbolic Acitivity* 10 (3):163-182.
- GIBBS, Raymond W., Jr. (1994a). Figurative thought and figurative language. In: M.A. GERNSBACHER (Ed.) *Handbook of psycholinguistics* (p.411-446). San Diego: Academic Press.
- _____. (1994b). *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1996). Why many concepts are metaphorical. *Cognition* 61: 309-319.
- _____. (1998). The fight over metaphor in thought and language. In: KATZ et al. (eds.) *Figurative language and thought*. New York: Oxford University Press, 1998.
- _____. (1999). *Intensions in the Experience of Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GRADY, Joseph, TAUB, Sarah & MORGAN, Pamela. (1996). Primitive and compound metaphors. In: A.E. GOLDBERG (ed.), *Conceptual structure, discourse and language* (pp.177-187). Stanford: CSLI Publications.
- GRADY, Joseph E. (1997a). Theories are buildings revisited. *Cognitive Linguistics* 8 (4):267-290.
- _____. (1997b). *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD dissertation, University of California, Berkeley.
- _____. (1999). A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In: G. STEEN & R. GIBBS (eds.) *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins.
- GUYTON, A.C. (1973). *Tratado de fisiologia médica*. 4.ed., Rio de Janeiro: Guanabara koogan.
- JOHNSON, Mark. (1987). *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago, London: The University of Chicago Press.
- KATZ, Albert N. (1998). Figurative language and figurative thought: a review. In: A. KATZ et al., *Figurative language and thought* (pp.3-43). New York, Oxford: Oxford University Press.
- KITTAY, Eva F. (1987). *Metaphor: its cognitive force and linguistic structure*. Oxford: Clarendon Press.

- KÖVECSESE, Zoltán. (1986). *Metaphors of anger, pride, and love: a lexical approach to the structure of concepts*. Amsterdam: John Benjamins.
- _____. (1990). Zoltán. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag.
- LAKOFF, George. (1987). *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.
- _____. (1993). The contemporary theory of metaphor. In A. ORTONY (Ed.), *Metaphor and thought*. (pp.202-251). 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. (1980). *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press.
- _____. (1999). *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.
- LAKOFF, George & TURNER, Mark. (1989). *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LIMA, Paula Lenz Costa. (1995). *Usando a Cabeça: um estudo da representação do substantivo cabeça no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.
- _____. (1999). *DESEJAR É TER FOME: novas idéias sobre antigas metáforas conceituais*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado.
- LIMA, Paula Lenz Costa & SILVA, Daniel N. *O uso lingüístico da metáfora DESEJAR É TER FOME em português e em inglês: Um glossário bilingüe*. (em preparação)
- LIMA, Paula Lenz Costa, GIBBS Jr., RAYMOND W. & FRANÇOZO, Edson. When desire is hunger: Embodied experience as motivation for metaphorical meaning in two languages. (em preparação)
- MURPHY, Gregory L. (1996). On metaphoric representation. *Cognition* 60: 173-204.
- ORTONY, Andrew. (1993). (ed.) *Metaphor and thought*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press.
- SACKS, Sheldon (org.). (1992). *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes.
- SWEETZER, Eve E. (1990). *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge Studies in Linguistics 54. Cambridge: Cambridge University Press.
- THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA*. (1929). 14ª ed., New York: Encyclopaedia Britannica, Inc.
- WIERZBICKA, Anna. (1986). Metaphors linguists live by. *Papers in Linguistics* 19 (2): 287-313.

DICIONÁRIOS E BANCOS DE DADOS REFERIDOS:

- Aurélio:** FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1975). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Editora Nova Fronteira.
- Bank of English:** versão demo disponível no site titania.cobuild.collins.co.uk/form.html
- Brown:** BROWN, L. (1993). (ed.) *The new shorter Oxford English dictionary on historical principles*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

- CogLing List:** Lista da Lingüística Cognitiva - coletânea dos sistemas metafóricos identificados pelo grupo de Berkeley, disponível no site *cogsci.berkeley.edu*
- Collins Cobuild:** *COLLINS COBUILD ENGLISH LANGUAGE DICTIONARY*. London, Glasgow: Collins, 1987.
- Heritage:** *THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY*. 2.ed., Boston, New York: Houghton Mifflin Company, 1991.
- Hornby:** HORNBY, A.S. et al. (1974). *Oxford advances learner's dictionary of current English*. Revised and updated. Oxford: Oxford University Press.
- Koogam & Houaiss:** KOOGAN, A. & HOUAISS, A. (1994). *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado*. Rio de Janeiro: Edições Delta.
- LAFAPE:** Banco da Folha de São Paulo do Laboratório de Fonética Acústica e Psicolingüística Experimental, Unicamp.
- Nascentes:** NASCENTES, A. (1964). *Dicionário da língua portuguesa*. Brasil: Academia Brasileira de Letras.
- NTC's thesaurus:** BERTRAM, A. (1995). *NTC's thesaurus of everyday American English*. Lincolnwood, Ill.: National Textbook Company.
- Oxford:** *THE OXFORD ENGLISH DICTIONARY. A NEW ENGLISH DICTIONARY ON HISTORICAL PRINCIPLES*. Oxford: At the Clarendon Press, 1961.
- Password:** PARKER, J. & STAHEL, M. (1998). *Password: English dictionary for speakers of Portuguese*. São Paulo: Martins Fontes.